

O que dizem as crianças não indígenas sobre as populações indígenas: um estudo a partir de desenhos infantis

*What they say they do
not Indians on indigenous populations: a
study from children's drawings*

Carlos Magno Naglis Vieira*

Resumo: Presenças culturais marcantes e significativas no estado de Mato Grosso do Sul e na capital Campo Grande, as populações indígenas constituem-se em segmentos pouco trabalhado e discutidos nos contextos escolares. Pesquisas já realizadas nos programas de pós-graduação em educação do estado mostram que a temática indígena é abordada somente próximo às comemorações do Dia do Índio (19 de Abril) e nas páginas dos livros didáticos que retratam os indígenas em âmbito geral e ainda referendados em estereótipos construídos a partir do período quinhentista. Com objetivo de mostrar as manifestações de crianças não indígenas de duas escolas do município de Campo Grande, MS sobre as populações indígenas, por meio de desenhos infantis, o texto apresenta que os olhares das crianças ainda caracterizam uma forte tendência ao preconceito e à discriminação, “naturalizando” a condição de cultura menor o que fortalece as relações de silenciamento, subalternização e ocultamento da identidade indígena.

Palavras-chave: povos indígenas; desenhos infantis; escolas urbanas de Campo Grande; preconceito e discriminação.

Abstract: Striking and significant cultural presence in the state of Mato Grosso do Sul and in the capital Campo Grande, indigenous peoples are in some segments worked and discussed in school contexts. Previous studies on the state of education in graduate programs show that indigenous issues are addressed only next to Indian Day celebrations (April 19) and the pages of textbooks that portray indigenous overall scope and further endorsed in stereotypes constructed from the sixteenth century period. In order to show the manifestations of non-indigenous children from two schools in the city of Campo Grande, MS on indigenous peoples, through children's drawings, the text presents the eyes of children still feature a strong tendency to prejudice and discrimination, “naturalizing” the smallest crop condition which strengthens relations silencing, subordination and concealment of indigenous identity.

Key words: Indigenous peoples, children's drawings, Campo Grande urban schools, prejudice and discrimination.

* Historiador. Doutor em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da UCDB. E-mail: cmhist@hotmail.com

Temos observado uma presença significativa dos povos indígenas em diferentes espaços sociais, políticos e públicos. Uma presença que vem sendo construída com muita luta e inúmeros conflitos. Conflitos que buscam não somente a inserção dessa população nesses diferentes lugares, mas a certeza de que o indígena possa ocupar esses respectivos espaços sem precisar deixar de silenciar ou negar a sua identidade indígena.

Analisando os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), é possível verificar um aumento do contingente populacional indígena no Brasil, sendo tanto em terras indígenas quanto no espaço das cidades. Atualmente, existem no país aproximadamente 900 mil índios, divididos em 305 etnias e 274 línguas indígenas. Mato Grosso do Sul, estado com a segunda maior população indígena do país, apresenta em seu território 77 mil índios (IBGE, 2010), dividido em 8 etnias indígenas: os Guarani e Kaio-wá, os Terena, os Kadiwéu, os Guató, os Ofaiet, os Kinikinau, os Atikume, os Camba (localizados na fronteira Brasil-Bolívia, município de Corumbá).

Em razão de inúmeros fatores envolvendo as populações indígenas, entre os quais o crescimento populacional, torna-se obrigatório, pela lei federal 11.645/2008, o ensino da história e da cultura dos povos indígenas nos estabelecimentos de ensino. A implementação dessa lei modifica a LDB 9.394/1996, no que se refere à diversidade cultural brasileira, e regulamenta a obrigatoriedade do ensino dessa temática.

Partindo desse princípio e amparado pelos estudos que realizam interfaces entre os campos da cultura, história, antropologia e educação, procurei em duas escolas do município de Campo Grande, MS, antes da implementação da lei, desenhos produzidos por crianças não indígenas que retratam as populações indígenas em seu contexto atual. Os desenhos apresentados foram realizados por estudantes de 11 a 13 anos que cursam entre o 6º e o 8º ano das respectivas escolas selecionadas. Deixo registrado que serão preservados os nomes das escolas, dos alunos que realizaram os desenhos e dos professores que auxiliaram na pesquisa, na intenção de não proporcionar qualquer constrangimento e também não provocar qualquer tipo de incômodo e desconforto para ambas as partes.

Os desenhos infantis sobre os povos indígenas: o que dizem as crianças

Mesmo com a implementação da Lei 11.645/2008, que garante o estudo da cultura e história dos povos indígenas, sabemos que a temática ainda se constitui em um conteúdo pouco trabalhado e discutido nas escolas não

indígenas, conforme registram algumas pesquisas desenvolvidas no estado sobre o tema. De fato, estudar esse conteúdo significa desconstruir olhares, romper pensamentos e principalmente se abrir para a produção do diálogo com a diferença.

Os desenhos produzidos sempre surgiram após reflexões realizadas pelo professor em sala de aula. Entre debates e discussões, os alunos do 7º ano, de uma das escolas, desenharam a respectiva figura para ilustrar o tema “O índio brasileiro nos dias atuais”.



Figura 1 - O nosso índio, outubro de 2006.

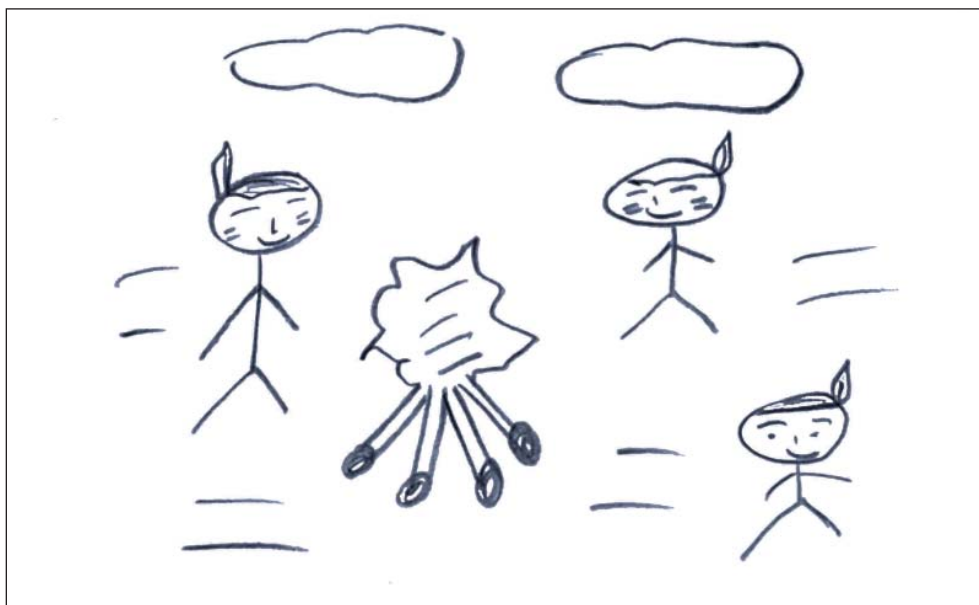


Figura 2 - Os índios, outubro de 2006.

A figura 1 nos mostra a imagem de um sujeito indígena posicionado em um passado histórico, com o corpo nu, sendo coberto apenas por um pedaço de pano (tanga) e seu rosto pintado. Apresenta um cabelo baixo, trazendo sobre sua cabeça um cocar e sobre suas mãos um arco. O desenho traz apenas a figura de um indivíduo indígena sem um contexto, seja natural ou social. A figura 2 apresenta três índios ornamentados com pena na cabeça ao redor de uma fogueira e sobre eles algumas nuvens. Em conversa com o estudante responsável pela ilustração, ele mencionou que os índios estão dançando para chover.

Analisando as figuras 1 e 2, percebemos o quanto as imagens dos povos indígenas ainda estão presas a um passado que procura produzir o diferente, como alguém não civilizado, bárbaro, selvagem e inferior. Um passado produzido por um olhar hegemônico e amparado por uma ótica colonial que acaba subalternizando, hierarquizando, ocultando e silenciando o colonizado e exaltando, engrandecendo e consagrando o colonizador (CASTRO-GÓMEZ, 2005). Diante desse olhar, é possível verificar um padrão de controle que marginaliza, fantasia e estereotipa os povos indígenas e demais segmentos populacionais que estão nas fronteiras da exclusão e, ainda, impede deslocamentos, ressignificações e percepções de como ver o outro.

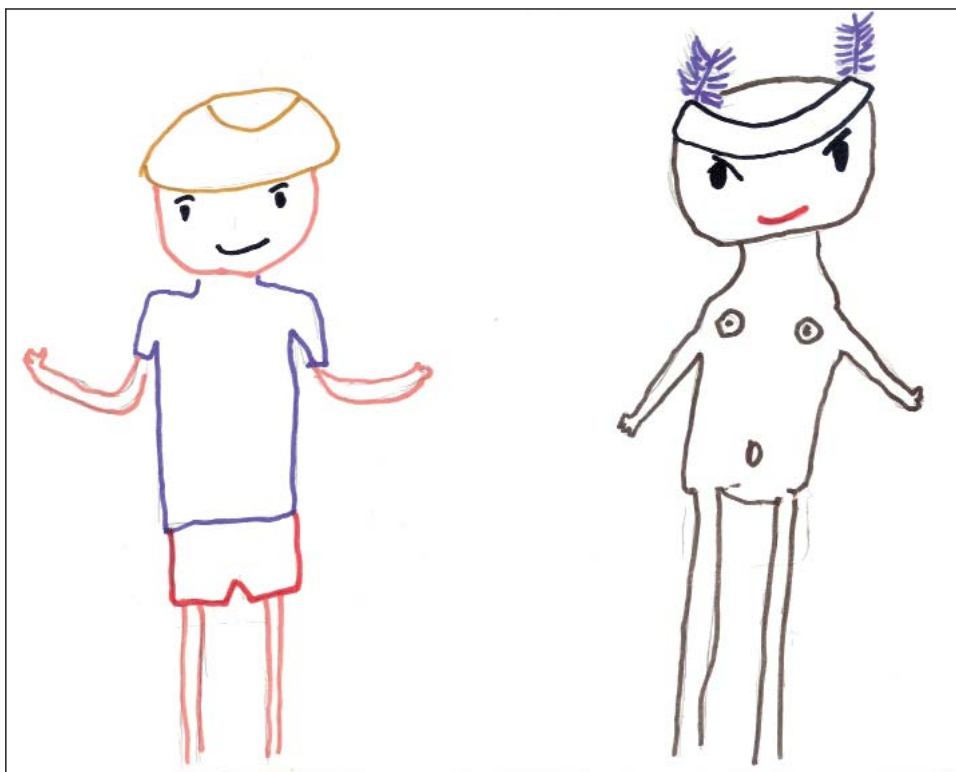


Figura 3 - O português e índio, outubro de 2006.

A figura 3 traz dois sujeitos sem nenhum contexto. Um indígena com o corpo nu e sobre sua cabeça duas penas, e um português vestindo camiseta, short e um chapéu. Segundo o estudante, a ilustração simula o contato histórico entre índios e portugueses no descobrimento do Brasil. Analisando a imagem, verifica-se um contato amistoso entre os dois sujeitos, principalmente sem nenhuma resistência. Se consultarmos os estudos historiográficos desse período, iremos nos deparar com uma situação contrária ao desenho, sendo de enfrentamentos, conflitos e tensões.

Observando a figura, visualiza-se uma imagem de índio que ainda continua presente e bastante viva no espaço escolar e nos manuais didáticos. Uma imagem construída dentro da lógica hegemônica que sempre está visível para tornar-se reconhecida e encenada todos os dias nas sociedades coloniais. Uma imagem exótica, presa ao passado e com uma representação equivocada de uma realidade (BHABHA, 1998). Uma imagem que a escola não procura problematizar e desconstruir e que tem contribuído fortemente para construção de identidades fixas, sólidas, fora do tempo e principalmente fora do lugar.

No rastro dessa discussão, agora envolvendo estudantes do 6º ano, foi realizada uma reflexão sobre o dia a dia dos povos indígenas, principalmente questões envolvendo trabalho, alimentação, moradia e educação. Após algumas horas de conversa com os alunos e debates tensos sobre a presença dos indígenas nos espaços urbanos, foram solicitados aos estudantes desenhos sobre a discussão realizada.

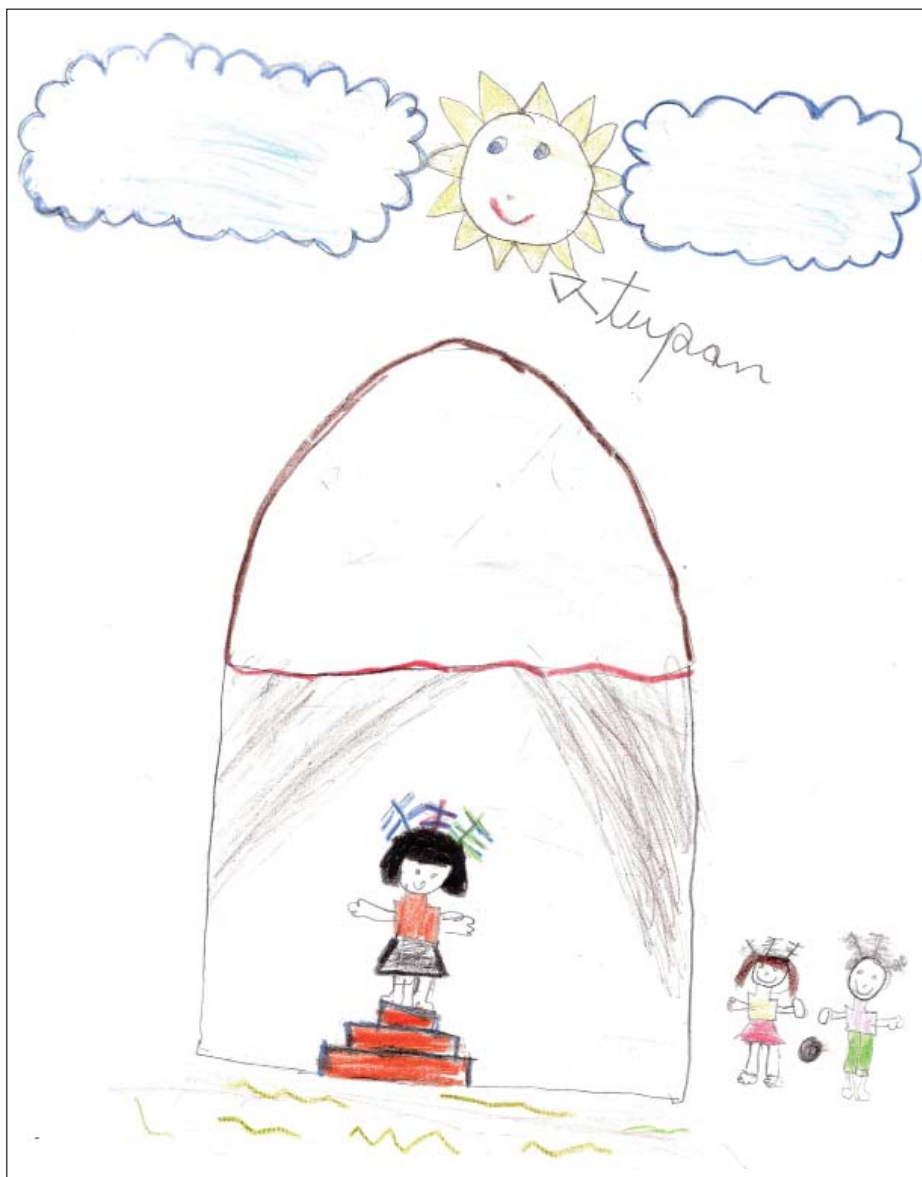


Figura 4 – O lugar onde mora o índio, novembro de 2006.



Figura 5 - A casa do índio, novembro de 2006.

As figuras 4 e 5 representam um mesmo tema comum: a moradia dos povos indígenas. Nesses dois desenhos, é possível verificar uma relação com a natureza. Na figura 4, visualizamos a imagem de uma criança indígena ornamentada, em cima de algo, dentro de uma oca coberta de palha. Ao lado da oca, temos ainda mais dois sujeitos, ou seja, duas crianças indígenas também ornamentadas brincando de bola. Acima da oca, temos desenhos de nuvens e, ao centro, o sol, denominado pelo estudante como Tupã. Na figura 5, temos novamente a presença de uma oca no centro da ilustração e, ainda, a imagem de um indígena praticamente nu, com algumas ornamentações pelo braço e

com cabelos cortados. A figura deixa algumas dúvidas se sobre o corpo existe uma pintura, visto que o desenho foi realizado com o indígena de braços cruzados. Nessa imagem, ainda é possível perceber a presença de mais uma pessoa deitada em uma rede no interior da oca, um cachorro andando pelo terreno e uma fogueira próximo ao indígena.

Procurando escutar os estudantes que realizaram os desenhos, somente o autor da figura 5 se propôs a comentar. Segundo ele, o desenho além de mostrar a residência do indígena retrata uma vida tranquila. Interrogando o aluno sobre o que ele entende por uma vida tranquila para os povos indígenas, ele respondeu que “os índios não têm nada para fazer, porque ganham cesta básica do governo”.

Analisando as figuras 4 e 5 e a resposta sobre a pergunta realizada, percebo que os estudantes não conseguem observar nem descrever a verdadeira realidade dos povos indígenas, pois muitos reproduzem um discurso produzido dentro da ótica da colonialidade, que está associado a um estereótipo que causa desordem, abre fantasias mais selvagens da posição de dominação e posiciona o sujeito em um determinado lugar social e cultural (BHABHA, 1998). Em outras palavras, podemos mencionar que essas imagens sobre os povos indígenas estão adequadas a uma representação “que está fabricada longe do território do outro e, perto do colonizador, uma imagem do outro que lhe é conveniente, que está feita a sua medida, enquanto está ao seu alcance representacional” (SKLIAR, 2003, p. 111).



Figura 6 – O índio e a natureza, outubro de 2006.

A figura 6 vem trazendo a relação que os povos indígenas possuem com a natureza e com a terra. Mesmo apresentando a imagem de um índio voltado ao período colonial com o corpo nu, de posse de arco e com adorno sobre os braços, a ilustração é a que melhor proporciona uma realidade vivida pelos indígenas. Traz um contexto bastante interessante para elaborar discussões nos meios escolares, visto que muito dos desenhos apresentados são frutos de um processo de formação colonizadora, europeia que silencia nega e acaba estereotipando a alteridade do outro.

Utilizando outras palavras, o índio é um produto das marcas da cultura hegemônica e das relações assimétricas de poder impostas pela colonialidade, por meio de manifestações negativas e relações desiguais, nas quais é apresentado como sendo o transtorno, o baderneiro, a sujeira, o estranho e o impuro da cidade. É aquele que sempre traz algum tipo de desordem, dúvida e incerteza aos que dominam e controlam o poder. É o segregado, o excluído, o ocultado, o subalternizado e o silenciado. É o outro, que, segundo Bauman (1998), não estava, desde o início, previsto pelos sujeitos que idealizaram uma determinada ordem.

Diante dos desenhos das crianças, é possível perceber que a escola tem um grande desafio. Um desafio de desconstrução, problematização da lógica hegemônica, ressignificação de olhares, compreensões e principalmente de entendimento, escuta e diálogo com o outro que circula e se movimenta pelo espaço escolar.

Referências

BAUMANN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, set. 2005. p. 80-87.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Os indígenas no Censo Demográfico 2010*. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf>.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: D&A, 2003.

Recebido em 11 de maio de 2015

Aprovado para publicação em 9 de junho de 2015